

## PROFANAÇÃO TERRITORIAL: A PROMISCUIDADE IDENTITÁRIA DAS PRÁTICAS SEXUAIS VIRIS NOS GUETOS GAYS EM SÃO PAULO E BRUXELAS

### **Ricardo Mingareli Del Valle**

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em  
Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie,  
ricardo.delvalle@gmail.com;*

### **Redson Pagnan**

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em  
Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie,  
redson.pagnan@gmail.com;*

### **Leonardo Galhardo**

*Graduado pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário  
Belas Artes de São Paulo, leogalhardo.projetos@gmail.com*

### **Maria Isabel Villac**

*Professora orientadora: Doutora em Teoria e História da Arquitetura  
e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, belvillac@gmail.  
com.*

### **Resumo**

Discussões sobre territorialidade têm ganhado cada vez mais espaço entre a comunidade LGBTQIA+. Nas últimas cinco décadas, tirar “do armário” o conceito de coletividade social da população *gay* resultou na dimensão identitária desta parcela com a cidade que, assim como outras, constrói relações de pertencimento com o espaço apropriado como território (SANTOS, 1994). Por muito tempo, o gueto *gay* esteve associado à promiscuidade e ao submundo dos prazeres noturnos, desprovido de decência e vinculado às perversões sociais, prostituição

e inversão da moralidade vigente. Essa combinação, talvez tenha até mesmo se consolidado acidentalmente, se levarmos em consideração a produção do espaço geográfico gerado a partir das relações sociais e a construção simbólica segundo a detenção territorial de poder (CHELOTTI, 2010), que cerca estes territórios desde 1960. O que também nos faz lembrar, das discussões sobre região moral aferidas sobre essas áreas (PERLONGHER, 1987), uma vez que indivíduos ali se aglomeraram com o mesmo objetivo comum. Atualmente, o conceito *gay friendly* define melhor essa identidade territorial; contudo, ao mesmo tempo em que agrega socialmente, segrega por barreiras invisivelmente nítidas e, por mais que tenha se modificado conceitualmente, ainda se relaciona, mesmo que atrativamente, à devassidão pejorativa ao deter resquícios da imoralidade tolerável em suas práticas. Entre bares, boates, pontos de michês e esquinas de muita “ferveção”, as saunas e *darkrooms* assumem, arquitetonicamente, esta associação identitária. Cidades como São Paulo e Bruxelas nos chamam a atenção para reconhecer, por este trabalho, a territorialidade moral, pressuposta como imoral, da comunidade *gay*.

**Palavras-chave:** Territorialidade, Região Moral, Gueto *Gay*, Práticas Sexuais, *Gay Friendly*.

## Introdução

**R**elacionada desde o período pós-Segunda Guerra à significação pejorativa da promiscuidade, a classificação territorial *gay* no centro da metrópole paulistana, por diversas vezes, esteve subjugada às conotações simbólicas das relações sexuais consideradas desregradas, impudicas e imorais que associavam a cultura *gay* ao submundo segregado dos prazeres da noite por códigos de sociabilidades infames que a serviam como fontes na produção dos espaços. De certa forma, há motivos para que essa assimilação tenha acontecido: talvez pela superposição dos locais antes utilizados por prostitutas e delinquentes às novas áreas de sociabilidade *gay*; ou então, pelo fenômeno sexual em que os próprios homossexuais desempenhavam (e ainda desempenham) nestas determinadas áreas, uma vez que, para muitos, a inclusão territorial servia somente para teores sexuais e, enquanto exerciam comportamentos discretos em áreas de condutas familiares, sua integração aos territórios *gays* possibilitava a incorporação de uma identidade peculiar, regida por estereótipos normativos e por práticas vistas até então como, ofensivas, escandalosas e dissimuladas, mas que, ao mesmo tempo em que confrontavam as determinantes morais permissíveis, naqueles territórios, eram permitidas e moralizadas (PERLONGHER, 1987; GREEN, 2019). Décadas mais tarde, enquanto os estudos sobre a sexualidade incitavam a correlação de poder e repressão em relação ao desejo e ao sexo (FOUCAULT, 1999) a territorialização *gay* lutava contra a hostilidade social que pairava sobre ela; primeiro, com a discriminação da categoria durante os vinte anos da ditadura militar vividos no Brasil; e segundo, com a proliferação do HIV/Aids entre a comunidade, que relacionava o contágio da doença como consequência à promiscuidade entre os demasiados parceiros sexuais obtidos fora do sistema conjugal patriarcal (TREVISAN, 2018).

Os princípios defendidos por Foucault abriram possibilidades para que as construções dos papéis de gêneros fossem iniciadas frente às investigações sobre a sexualidade e, como um divisor de conceptualizações, permitissem que novas formulações identitárias fossem geradas a partir do pensamento crítico entre a sexualização do indivíduo e seu papel societário. Como no caso na teoria *queer*, que respaldou o sujeito da sexualidade desviante (LGBTQIA+) ao desafiar as normas regulatórias heteronormativas, que ora antes o suprimia à

aceitação de suas práticas excludentes na organização das sociedades como um todo (LOURO, 2004). Nesta característica de construção social, o território *gay* não aparece mais segregado, mas sim, contextualizado, adquirindo novo poder de visualização e aceitação através da oposição à constituição do sujeito por meio de superação a dominações degradantes que antes reiterou seu estigma pejorativo, com acusações e insultos preconceituosos (BUTLER, 2002). Neste ínterim, temos a organização da *gay friendly*, uma composição terminológica advinda das operações turismológicas que pontua as estruturas sociais, políticas e democráticas da teoria *queer* sobre o território *gay*, visto hoje com novos significados.

## Metodologia

Para entrosar as diretrizes territoriais aqui analisadas, tomou-se, primeiramente, a transformação do modelo de territorialidade *gay* no Arouche, em São Paulo, entrelaçando suas características urbanas aos aspectos compositivos de identidade territorial descritos na geografia e, também, do gueto *gay* e “região moral” referidas pela antropologia e sociologia, reunindo informações historicistas narradas por autores da temática. Já para a *gay friendly*, buscou-se relacionar as modificações na conceituação territorial através das discussões filosóficas sobre a sexualidade, refletidas no bairro do Arouche; porém, para efeito comparativo, adotou-se Saint Jacques, em Bruxelas; ambos bairros expostos como *gay friendly* pelas principais páginas web de turismo LGBTQIA+, como *travelgay.com* e *misterbandb.com*. Para o reconhecimento desta composição morfológica, utilizou-se como instrumento, o método de observação territorial, corroborando a identificação dos componentes urbanos e arquitetônicos semelhantes que compõem tipologicamente, a organização territorial referida.

Este trabalho tem como resultado o arranjo de análises teóricas e constatações empíricas realizadas ao longo dos últimos três anos, como também, conta com os esforços conjuntos de pesquisadores distintos<sup>1</sup> que se desdobraram, em suas trajetórias acadêmicas,

1 Este trabalho foi elaborado a partir das discussões de pesquisas integrantes nas teses de doutoramentos, ainda em desenvolvimento, dos autores Ricardo Mingareli Del Valle e Redson Pagnan; recebendo apoio do Programa de Excelência Acadêmica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-PROEX), sendo

na investigação urbana e arquitetônica de tipologias não convencionais em favor das minorias sociais; mapeando territorialidades e equipamentos arquitetônicos de usualidade LGBTQIA+, a partir de levantamentos empíricos e digitais nas cidades mencionadas, a fim de demonstrar, por meio desta analogia, a dinâmica urbana perante uma territorialidade excepcional.

## Da territorialidade *gay* ao *gay friendly*

Presumidamente, a marginalização talvez seja o ponto mais enternecedor sobre a cultura *gay* entre as sociedades; primeiro, pelo fator excludente de aceitação, que impulsionou sua segregação socioespacial nas cidades; segundo, pela imagem pejorativa intencionada com o preconceito, a discriminação e a criminalização de uma subcultura manifestada. Fatores estes que, contribuíram com o desprezo e a irrelevância desta camada socialmente desfavorecida diante da predominância moral, ora antes classificada em princípios heteronormativos e que, fizeram, das cidades, enquanto ordenadas à esta usualidade, diferenciar-se pelas ações morais experimentadas em seus territórios. Uma questão de desenvolvimento social refletida no espaço geográfico, condizente ao uso do território, não ao território em si, mas que condiciona a dinâmica dos lugares (SANTOS, 1994).

Denominados como guetos pelos sociólogos da Escola de Chicago na década de 1920<sup>2</sup>, as organizações espaciais *gays* originaram-se de ações sociais que intensificaram a sexualização da cultura homoafetiva. No caso do Arouche, por ter sido encarada de forma contraditória e originada de ações heteronormativamente imoralizadas, a

---

analisado empiricamente, entre 2019 e 2020, e desenvolvido reclusamente, durante o período de isolamento da COVID-19. Podendo, neste intermédio de tempo, os territórios e estabelecimentos aqui demonstrados, terem sofrido alterações morfológicas devido a crise social causada pelo coronavírus.

- 2 O pronome “Escola de Chicago” refere-se diretamente aos estudos etnográficos urbanos desenvolvidos por professores e pesquisadores de sociologia da Universidade de Chicago na década de 1920. Para identificação da composição do gueto *gay* paulistano, Perlongher (1987) utiliza a definição de “região moral” defendida pelo sociólogo Robert E. Park em *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano* (1925) e a definição de *gay ghetto*, defendida por Louis Wirth em *The Ghetto* (1928). Ambos conceitos explorados na Escola de Chicago e, observados posteriormente, por Martin Levine em *Gay Ghetto* (1979).

territorialidade *gay*, a princípio, concentrou, segregada e isoladamente, grupos estereótipos excluídos e, institucionalizou, como premissas culturais e funcionais, a prostituição, a liberdade sexual e “a profusão de pessoas adeptas às formas marginais de sexualidade e/ ou sobrevivência que favorece a relativa permissibilidade a respeito das condutas publicamente homossexuais” (PERLONGHER, 1987, p.56), em sua diagramação territorial. Neste antagonismo, não há como negar a potencialização de certos estigmas vexatórios, como a promiscuidade e a perversidade que, neste caso, induziram a sobreposição de significados e levaram a usualidade à uma ordenação arbitrária da cidade. Uma visão pejorativa que atribuiu maior significância às práticas ditas “imorais e desviantes” do sexo e da sexualidade, do que a própria sociabilização urbana de seus usuários.

Por mais escandalosos e rejeitados pelas sociedades que fossem, os territórios *gays* eram redutos de refúgio e segurança para pessoas LGBTQIA+ que, em seus domínios territoriais, podiam experimentar uma liberdade despregada de preconceito e uma contracultura que instigava uma esperançosa maneira sócio-espacial aceitável. Neste preceito, o antropólogo Nestor Perlongher (1987), equipara a estruturação espacial da territorialidade *gay* no Arouche às características dos *gays ghettos* norte-americanos, ora antes classificados, esquematicamente, através da noção de “região moral” da Escola de Chicago, que legitimou a identificação destas áreas com o agrupamento de populações por preferências sexuais e “cerimônias eróticas”, sendo reconhecidas pelos seguintes requisitos organizacionais:

1º). Com a concentração institucional de equipamentos urbanos e arquitetônicos em suporte às práticas sociais e comerciais da comunidade LGBTQIA+, como lojas, saunas, bares boates, [...], bancos, agências de turismo até *cruising areas* (*ibdem*, p.53); 2º). Com a manifestação cultural, que possibilitava a identificação da linguagem e do aumento significativo da tolerância ao comportamento *gay* utilizado nestes espaços; 3º). Com o isolamento social, devido às segregações heteronormativas preestabelecidas, que tencionavam as interações sociais dos usuários locais apenas com suas próprias categorias; e, 4º). Com a concentração residencial atribuída à tendência domiciliar da população LGBTQIA+ em prédios, casas e quadras incorporados no perímetro urbano ocupado pela cultura *gay*.

Mesmo sendo possível reconhecer alguns dos requisitos apontados pela Escola de Chicago sobre o território *gay* paulistano,

Perlongher, diz não ser possível, à época, identifica-lo tipologicamente como um gueto *gay*, devido ao fato de algumas variantes organizacionais não cumprirem a totalidade dos requisitos estipulados pelos sociólogos e, ainda estarem subjugadas a um sistema classificatório de predominância heteronormativa e ações de diferentes concentrações institucionais, como a prostituição, que instituiu pejorativamente a promiscuidade como fator estrutural. Outro fato interessante, é Perlongher não ter identificado o quarto requisito da organização espacial *gay* na região do Arouche. Contudo, este fato tem se modificado nos últimos vinte anos, dado, principalmente, a visibilidade das Paradas do Orgulho LGBTQIA+ na cidade de São Paulo, ocorridas a partir de 1997, motivo pelo qual, intensificou a concentração residencial da comunidade *gay* nesta área ocupada.

A dualidade entre o conceito de territórios e de guetos *gays*, Perlongher ressalta estar justamente em suas definições sociológicas<sup>3</sup>; constatando que o território *gay* se constitui, intencionalmente sob os aspectos sociais e políticos da ocupação espacial realizada por pessoas *gays*; enquanto, o gueto *gay* se estruturou nas definições de identidade territorial – construída por subjetividades individuais e coletivas em relação ao grupo social e/ou pertencimento territorial que transpassava signos e símbolos ao discurso geográfico (CHELOTTI, 2010).

Assim, as espacialidades identificadas às usualidades territoriais *gays*, segregadas até a década de 1960, deram espaço para que a subcultura nelas experimentada potencializasse seu fator de resistência com o agrupamento de vulneráveis reivindicantes e se transformasse numa contracultura conflitante ao paradigma social e opressor vivenciado pelas sociedades até então. Cronologicamente, as manifestações sociais LGBTQIA+ a partir deste período, tornaram-se peças importantes para desmistificar as formulações pejorativas em referência às práticas de promiscuidade sobre os territórios *gays*: enquanto os *gays ghettos* norte-americanos eram transformados por grandes manifestações sociais

3 Nas entrelinhas de *O negócio do Michê*, Perlongher (1987, p.52) mostra a crítica de Manuel Castells (1984) à sobreposição conceitual de Martin Levine ((1979) sobre as formulações da Escola de Chicago, ao argumentar, a correlação realizada entre os termos “gueto” e “território” pelo sociólogo. Contudo, Perlongher não descarta nenhuma das perspectivas de análise e relaciona o território *gay*, às sobreposições sociais e, o gueto *gay*, às sobreposições geográficas.

– como a revolução de *Stonewall*, em *Greenwich Village, Manhattan, NY*, em 1969 (conflito entre *gays* e policiais que originou as Paradas do Ogulho LGBTQIA+ no mundo) –, o território *gay* paulistano se alterava sob a interferência de duas vertentes: primeiro, com o levante politizado da contracultura *gay* em resposta à repressão cultural e sexual sofrida com a intervenção militar no Brasil até 1984; segundo, com as discussões filosóficas advindas desde o século XIX, sobre o exercício da homossexualidade, estando subjacente à todas condutas sociais e fisiológicas do indivíduo à sua sexualidade (FOUCAULT, 1999); até, a identificação dos movimentos das diferentes identidades sexuais e de gêneros como símbolos da liberdade social e sexual aos modos majoritários de vida (CORTÉS 2008; PRECIADO, 2017).

O então famoso “desbunde” *gay*, ecoado sob influência artística, principalmente da música e dramaturgia durante os anos da ditadura militar, quebrou boa parte dos paradigmas pejorativos existentes à movimentação social nos territórios *gays* brasileiros até então; e, desencadeou um novo processo de ocupação espacial aos “bairros *gays*”, o *out of closets* (fora do armário), que reunia diferentes estereótipos sem qualquer preconceito ou discriminação – onde a promiscuidade e os processos de sociabilidade se relacionavam, mas não se misturavam – e, organizava, democraticamente, os mais variados grupos que compunham a comunidade LGBTQIA+ na época, como homossexuais maduros ou jovens, mais afeminados ou machos, travestis, prostitutas e michês que, transpassam suas tendências sociais às usualidades do espaço. O Largo do Arouche passou a se constituir como a *new wave gay* (nova onda *gay*), um espaço politizado de conexões populares e sociais da “vida *gay*” (PERLONGHER, 1987; TREVISAN, 1986; GREEN, 2019). Contudo, essa organização política do espaço, Cortés (2008) indica que além de estar assimilada ao consumismo, também cria uma nova identidade, hermética e rígida, com hierarquias e exclusões próprias, semelhante a política dos setores convencionais. A democratização do território *gay* foi um primeiro passo às novas movimentações de usos dos espaços e das práticas urbanas encontradas a partir da conceituação *queer* na década de 1990 (PRECIADO, 2017), relacionadas “às condutas e comportamentos opostos às ordens vigentes” (CORTÉS, 2008, p.205) e a reforma do pensamento incômodo sobre os sujeitos das sexualidades desviantes, por identidades e gêneros que não desejavam mais uma classificação social segregada e tolerável (LOURO, 2004).

Nessa definição, a ocupação espacial *gay* é reapropriada como *gay friendly* – nome comercial intitulado por noções turísticas que potencializam a sociabilidade simpaticante e amigável (adepta e não tolerável) à conduta *queer* e ao uso do espaço – ao unir, o conceito do espaço politizado do território *gay* ao conceito tipológico por identidade territorial do gueto *gay*. Assim, é possível assistir um filme *queer*, ir em uma exposição *queer*, vestir uma camiseta com a frase “*I’m here, and i’m queer*”, isto é, o *queer* tornou-se uma categoria identitária social e, também, comercial (SPARGO, 2017).

### A ocupação espacial *queer*

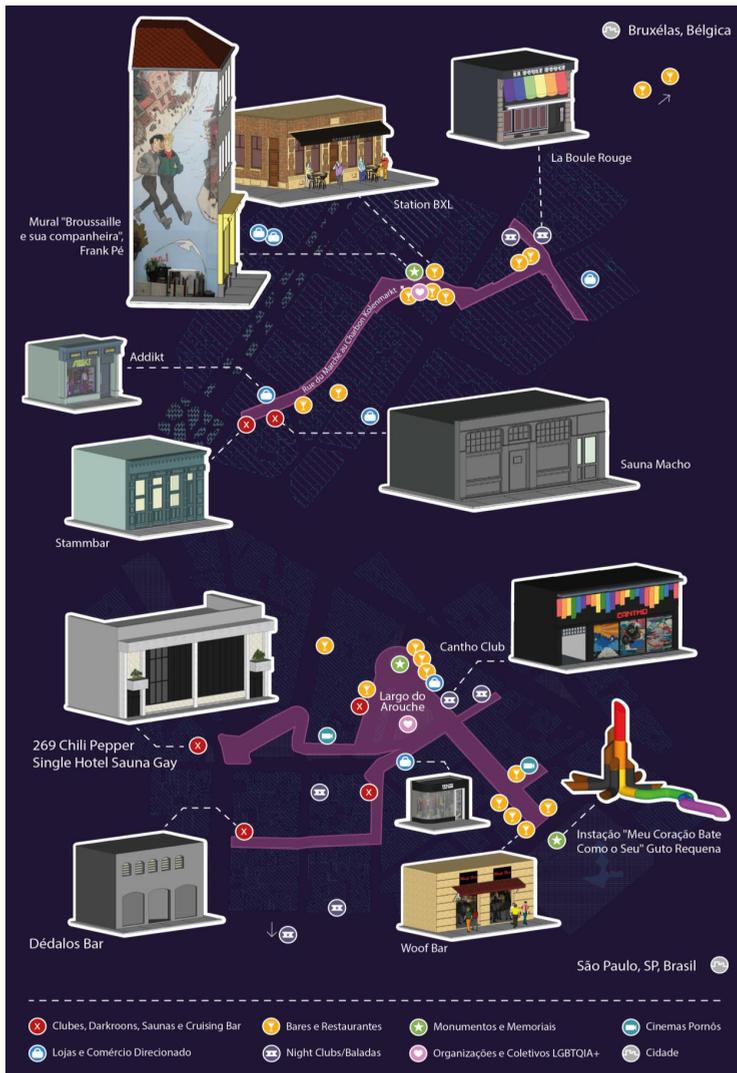
Diante dos critérios foucaultianos do poder disciplinar que se utilizam das categorias do sexo como regime de controle social da sexualidade (FOUCAULT, 1999) e do mecanismo panóptico como modelo de funcionamento entre a relação de poder e a vida cotidiana do homem (FOUCAULT, 1997), Butler, Cortés e Preciado, desfragmentaram a posição da teoria *queer*, politicamente ativa, à opressão normativa das sociedades perante as minorias sexuais. Na visão dos autores, a transposição do *queer* ao território enfatiza a interpretação performativa de identidade (BUTLER 2015) e produz não só o conhecimento social do corpo sexualizado, como também da liberdade e das diferenças sexuais através da presença do desejo, como consequências da exclusão criada por uma urbanidade dominante, podendo não ser necessariamente algo construído, mas sim, uma atitude idealizada, gerada a partir de subjetividades, como uma questão de resistência à heteronormatividade preestabelecida em algumas determinadas localidades das cidades (CORTÉS, 2008; PRECIADO, 2017).

Nesta perspectiva, analisou-se as características compositivas *queer* na *gay friendly* do território *gay* no Arouche; e, para efeito comparativo, usado a *gay friendly* de Bruxelas. Mesmo tendo historicidades embasadoras diferentes frente a movimentação *gay* nestas cidades, a inconformidade confrontante a um sistema dominante nestes espaços, ou seja, o (su)jeito *queer* de se idealizar cidade, se faz denominador comum entre essas duas espacialidades.

## A diagramação urbana da *gay friendly*

Para ilustrar as práticas urbanas e os usos dos espaços *queer* nas *gay friendly's* de São Paulo e Bruxelas, pontuamos um “circuito” (MAGNANI, 2005) territorial, por experiências de observações, identificando suas características e vinculações arquitetônicas e sociais (Fig. 01).

**Figura 01:** Circuitos das *Gays Friendly's* de Bruxelas e São Paulo.



Fonte: dos autores (2021).

O circuito paulistano se contítui com mais intensidade na Avenida Vieira de Carvalho, entre a praça da República e Largo do Arouche – eixo perpendicular às antigas “Boca de Lixo” e “Boca do Luxo” – zonas de prostituições potencializadas entre as décadas de 1950 e 1970. Enquanto que, o circuito bruxelense se dilui linearmente sobre a *Rue du Marché au Charbon Kolenmarkt*. Ambas territorialidades enfáticas quanto a resistência de suas organizações nos centros das cidades. O circuito revela a prática (ou a oferta de determinado serviço, por isso é possível localizá-lo) por meio de estabelecimentos e espaços (públicos e privados) que são reconhecidos como um conjunto pelos habitantes. Esses estabelecimentos podem ou não ter alguma ligação entre si e, além disso, constituem um cenário (*queer*) urbano, ativo e dinâmico dos modos de ser na cidade. Isto é, estabelecem *links* com seus frequentadores, estabelecem outros trajetos e outros modos de relações e dinâmicas com a cidade, marcando uma presença e um estilo de vida representativo de suas identidades e condição de classe. Portanto, estar nesse circuito é um posicionamento de afirmação (*I’m here, and i’m queer*).

Dentro desse circuito, o Largo do Arouche indica um “pedaço” com seus códigos, suas normas e regras de cumplicidade estabelecidas pelo grupo, isto significa, que compartilha algo e que, a qualquer momento, pode eleger outro pedaço como ponto de referência. Nesse pedaço, os estabelecimentos elencados determinam os circuitos e, toda essa dinâmica, está inserida na *mancha*, ou seja, uma área mais aberta, que acolhe um número maior de usuários. “Não se sabe ao certo, o que ou quem se vai encontrar na mancha, ainda que se tenha uma ideia do tipo de serviço que lá é oferecido...” (MAGNANI, 2005, p.178). Ao todo, nas cidades de São Paulo e Bruxelas, foram pontuados 53 estabelecimentos localizados nas áreas reconhecidas como “*gay friendly*”. No entanto, 40 deles estão ligados diretamente ao percurso dos circuitos traçados, enquanto os outros 13, estão localizados em suas adjacências<sup>4</sup>. Dado isto, agrupamos estes estabelecimentos em

4 Para este levantamento, foram considerados os seguintes estabelecimentos juntos ao circuito de **São Paulo, Clubes de sexo:** 1. 269 *Chilli Peppers*, 2. *Champion Club*, 3. *Dédalos Bar*, 4. *Upgrade Club*; **Bares e Restaurantes:** 5. *Sputnik*, 6. *Woof*, 7. *Soda Pop*, 8. *Caneca de Prata*, 9. *Vermont República*, 10. *Paris*, 11. *Estrela do Arouche*, 12. *Praíha do Arouche*, 13. *Lucy*; **Lojas:** 14. *Adeh Oliveira*, 15. *Yes Sir*; **Baladas:** 16. *Cantho*, 17. *Queen*; **Monumento:** 18. “Meu coração bate com o seu”; **Organizações:** 19. *Arouchianos*;

07 classificações diferentes, relacionadas conforme seus códigos de sociabilidades atuantes nos territórios (Tabela 01), o que possibilitou reconhecer as similaridades e diferenças entre os circuitos existentes nas distintas cidades.

**Tabela 01:** Quantitativo de Estabelecimentos por Categoria de Usos *Friendlys*.

	CLUBES DE SEXO	BARES E RESTAURANTES	LOJAS E COMÉRCIOS	NIGHT CLUBS E BALADAS	MONUMENTOS E MEMORIAIS	ORGANIZAÇÕES E COLETIVOS	CINEMAS PORNOS
<b>São Paulo</b>	04	09	02	02	01	01	02
<b>Bruxelas</b>	02	08	05	02	01	01	-

Fonte: dos autores (2021).

Entre estas classificações, destacamos as cinco primeiras e escolhemos algumas composições arquitetônicas que apresentam semelhanças tipológicas entre os elementos construtivos e espaciais utilizados concomitantemente nas duas cidades. Essa escolha levou em consideração o impedimento comparativo nas duas últimas classificações, devido ao fato de, somente Bruxelas apresentar elementos arquitetônicos destinados às “organizações e coletivos” em prol à comunidade LGBTQIA+, como a “*Rainbow House*” e a “*Tels Quels*”; enquanto os “Aroucharianos” atuam eventualmente no território do Arouche sem um local fixo; como também, não foram identificados cinemas de conteúdos pornográficos *gays* em Bruxelas.

Nos clubes de sexo, soma-se os elementos arquitetônicos destinados às práticas sexuais viris, como *darkrooms*, saunas e *cruisings* bares, destacando a Sauna “269 *Chilli Pepper Single Hotel*” e o “*Dédalos Bar*” em São Paulo, a Sauna “*Macho*” e o “*Stammbar*” em Bruxelas, que com

---

**Cinemas:** 20. Cine Arouche Agora, 21. Cinemão Stud G; **Fora do circuito:** 22. Carolina’s bar; 23. ABC Bailão; 24. *Danger Dance Club*. Adjuntos ao circuito de **Bruxelas, Clubes de sexo:** 25. Sauna Macho, 26. *Stammbar*; **Bares e Restaurantes:** Castro, 28. *Chez Maman*, 29. *Satation* BXL, 30. La Baroque, 31. Le Dolores, 32. Le Belgica, 33. LE Detour, L’Homo Erectus Classicus; **Lojas:** 35. 2be Bruxelas, 36. Argos Video, 37. Man2Man, 38. *Addikt*, 39. *Boris Boy*; **Night Clubs:** 40. Amalgame, 41. La Boule Rouge; **Monumento:** 42. “*Broussaille* e sua companheira”; **Organizações:** 43. *Rainbow House*; **Fora do circuito:** 44. *La Griffe* Sauna, 45. Clube 3000, 46. Oasis Sauna, 47. *Flash Tea*, 48. *Cave*, 49. *Revelation*, 50. *Fuse Club*, 51. *La Reserve*, 52. Christo Bar, 53. *Tels Quels*.

suas fachadas discretas, desprovidas de aparatos ornamentais e com predominância nas cores escuras, camuflam suas usualidades entre os espaços comuns das cidades, criando pequenos oásis ao público *gay* e *friendly*. Nos bares e restaurantes, notou-se um maior volume quantitativo nesta classificação entre as duas cidades. Isto deve-se ao fato de suas relações diretas com as ruas e seus usos mistos e específicos em gêneros, como no “*Station BXL*” e “*Woof Bar*”, não somente conotarem a diversidade e o *friendly* como características territoriais, mas por transformarem estes espaços para além de elementos arquitetônicos de confraternizações e entretenimento, mas sobretudo como espaços políticos e de representatividade da categoria. Já nas lojas, enquanto as vitrines da “*Man2Man*”, “*Addikt*” e “*Boris Boy*” escancaram os fetiches do sexo *gay* pelas ruas de Bruxelas sem nenhum pudor, a “*Yes Sir*” se inibe pelos corredores de uma galeria no Arouche; contrapondo aos semelhantes elementos copositivos das *night clubs* e baladas existentes nas duas cidades, como a “*Cantho Club*” e a “*La Boule Rouge*”, que utilizam recursos de neutralidade ornamental em suas arquiteturas para evidenciar a simbologia em meio as cores da bandeira do arco-íris.

Também é necessário ressaltar (e, identificar) a importância da representatividade LGBTQIA+ nos espaços públicos territorializados, principalmente com a evidência de elementos monumentais que evocam a memória de resistência dessa comunidade nas cidades, como no caso do mural “*Broussaille e sua companheira*”, em Bruxelas, pintado na empena de um edifício na larga esquina da rua *Platestteen*, em 1999 pelo artista Frank Pé e, em São Paulo, a instalação temporária “*Meu coração bate com o seu*”, inserida na Praça da República (onde aconteceu, em 1978, o primeiro encontro de ativistas LGBT’s) em 2018, sendo assinada pelo Estudio Guto Requena em comemoração aos 40 anos de luta política da comunidade no Brasil.

## As arquiteturas dos desejos

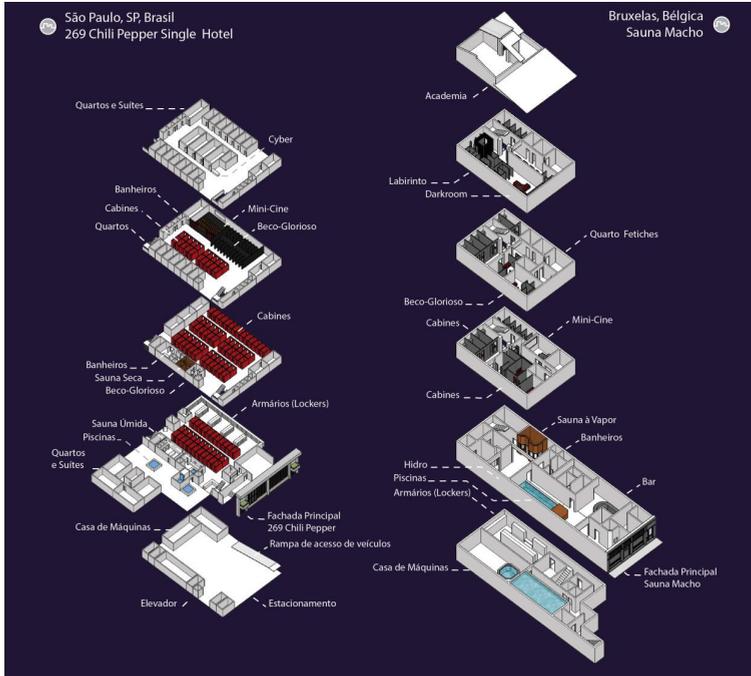
De acordo com o francês Guy Debord, a cidade moderna tem uma tarefa ininterrupta de preservar o poder de uma classe dominante (CORTÉS, 2008). Nessa perspectiva, entendemos que as atividades sociais da comunidade LGBTQIA+ (nesse caso específico, dos homens *gays*) como “*sair à noite*”, são ritos urbanos de caráter mundial que têm recuperado o sentido da rua como um espaço de

sociabilidade com dupla particularidade: a primeira, é a de se opor a classe dominante, simplesmente por suas identidades e práticas estarem do lado contrário daquelas esperadas pela sociedade como um comportamento “natural” dos homens; a segunda, é que ao fazer a primeira, também perpetuam um espaço muita vezes ocupado, em sua maioria, por homens *gays* e seus privilégios. De qualquer modo, a rua, a praça, os bares e as boates ao redor, são espaços conquistados de liberdade e, portanto, permitem as mais diversas experiências.

Nessa especificidade, temos como exemplo os edifícios arquitetônicos destinados às práticas sexuais “descompromissadas” (casuais) do público *gay*, relacionadas por muitos à promiscuidade, mas que, em suas excentricidades, seguem características compositivas peculiares em suas formatações, indicando, a oferta de um serviço e uma significativa arquitetura na composição tipológica da *gay friendly*. Para constatar essa formulação arquitetônica, foram analisadas as saunas “269 Chilli Peppers” em São Paulo, e “Macho” em Bruxelas (Fig. 02). Em ambos os casos, a configuração espacial segue a função dos edifícios:

O primeiro requisito (que como visto anteriormente transpassa às fachadas) é a imagem discreta que oculta a usualidade desenvolvida no interior do edifícios, provavelmente por questões de resguarda à identidade dos usuários não assumidos ao universo *gay* e às práticas sexuais “incomuns”; ou então, por serem adaptações arquitetônicas de edifícios existentes, criando para usualidades distintas que não condizem mais com a territorialidade local. Segundo, com a característica dos usuários, pois são objetos arquitetônicos restritos à usualidade do público *gay* masculino; e, terceiro, com elementos específicos que estimulam e propiciam às práticas sexuais *gays*, como os *darkrooms*, as cabines, os labirintos, os becos-gloriosos e até as próprias saunas, que se distribuem em ambientes privados, coletivos ou assistidos, mas que de certa forma controlados, funcionalmente por seus usuários.

**Figura 02:** Esquemas das composições arquitetônicas das Saunas “269 Chilli Peppers” e “Macho” a partir de levantamentos empíricos (podendo haver divergências das composições reais).



Fonte: dos autores (2021).

## Considerações finais

A conquista (nesse caso, muitas vezes forçada) de um espaço próprio sempre foi uma dimensão fundamental para a consolidação de (qualquer) identidade e comunidade (CORTÉS, 2008). Esse “pedaço” (MAGNANI, 2005) *friendly* constitui um espaço acolhedor e, ao mesmo tempo, de caráter transgressor, pois os usos desses lugares desafiam as cisheteronormatividades que governam o uso da cidade. A presença da comunidade *gay* (da paquera disfarçada, até a ocupação específica de bairros, bares e casas noturnas) tanto em São Paulo, como Bruxelas ou qualquer outra cidade, foi e, ainda vai, aos poucos, deslocando e consolidando esses sentidos. No entanto, de forma ambígua os *gays*, como um *flâneur* contemporâneo, são (ainda) personagens situados à margem e buscam apropriar-se de determinados lugares porque agem como outros homens, ou seja, afirmando seus domínios no território,

ao mesmo tempo que escondem-se na “multidão” (talvez, as características das fachadas escuras indiquem tentativa de ser “discreto” e menos percebido no ambiente) para mais tarde se perderem na solidão dos lugares “proibidos”. Onde o proibido é, também, o que estimula suas práticas sociais e sexuais.

## Referências

BUTLER, Judith. **Criticamente subversiva**. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2015.

CHELOTTI, Marcelo. C. **Reterritorialização e Identidade Territorial**. Sociedade & Natureza, v. 22, n. 1, 2010.

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 42ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria T. C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP. v. 17, n. 2, 2005. p. 173 - 205.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do Michê**. A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul B. “**Cartografias ‘Queer’: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle**”. eRevista Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, 2017.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.; SILVEIRA, M.L. (Org). *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TREVISAN, José Silvério. **Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo: Minha Gráfica Editorial, 1986.